

GES  
PCP

Proletários de todos os países: UNI-VOS!



ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

## O PREÇO DA DEMAGOGIA «LIBERALIZANTE» e o agravamento das contradições do regime

«Pela crise que o regime atravessa, pelas suas contradições internas, pela limitada base social em que se apoia e pela amplitude do movimento democrático, o governo de «união sagrada» de M. Caetano prossegue a sua demagogia «liberalizante», constata a C. Política do CC, no seu documento de Março último.

Os acontecimentos mostram, contudo, que o prosseguimento dessa política não é tarefa fácil para o governo de M. Caetano.

Por um lado, a classe operária, as massas trabalhadoras, através da onda de lutas reivindicativas, sindicais e outras; os estudantes, através de toda uma série de importantes acções de luta pelos seus direitos e por uma verdadeira reforma democrática da Universidade e do ensino em geral; o movimento democrático no seu conjunto, utilizando as possibilidades abertas pela nova situação política impuseram no último ano e meio a satisfação de importantes reivindicações e conquistaram algumas posições políticas.

Perante uma tal ofensiva, o governo é obrigado a empreender manobras demagógicas, a dar aparentemente satisfação a reivindicações populares, é obrigado a reconhecer o atraso do país em todos os campos, mas prometendo que agora sim, tudo se vai resolver através da panaceia política cætanista da «evolução na continuidade».

Por outro lado, no seio do próprio regime, entre a «sagrada família» fascista os choques e as contradições são cada vez mais violentos em consequência desta situação. Há os que se alarmam com o actual curso dos acontecimentos, condenam abertamente a demagogia «liberalizante» como responsável pelo avanço do movimento democrático no qual sentem uma ameaça para os seus privilégios e reclamam em altos gritos em Conselhos de Administração e na própria Assembleia Nacional fascista o abandono de tal política e o regresso puro e simples ao uso exclusivo da repressão policial e do terrorismo

político.

Nos bastidores, activam-se os vários «grupos de pressão» e movem-se as influências económicas, políticas e militares em que se apoiam os vários clãs fascistas. Tudo isto, aliado à pressão do movimento democrático e popular, e principalmente em consequência dela, torna cada vez mais difícil a conciliação de interesses contraditórios dos vários grupos que constituem a camarilha governante. Por isso M. Caetano se lamenta melancolicamente das dificuldades de governar «nestes tempos de excitação e indisciplina, quando todos os princípios (...) são contestados e todas as instituições mesmo as mais sólidas e veneráveis, são postas em causa».

### O fascismo é inimigo de qualquer democratização

A Assembleia Nacional fascista tem sido teatro de tensões e choques entre os representantes dos diversos clãs fascistas. Os atritos ali verificados entre o pequeno grupo «liberalizante» e a maioria mais reaccionária partidária do imobilismo e da «continuidade», traduzem as reais dificuldades que os fascistas têm para se cobrirem com a pele da «liberalização» caetanista. Ainda que não haja ali senão deputados «eleitos» nas listas fascistas no decorrer da burla eleitoral de Outubro de 1969 verifica-se que todas as críticas dos «liberalizantes» aos «pôdres» mais escandalosos do

(continua na 2.ª pag.)

## Fim imediato à guerra da Guiné! CONVERSACÕES COM O PAIGC

Qual é, no fim de contas, a verdadeira situação na Guiné dita portuguesa? Tal é a pergunta que cada português faz a si próprio. E tem razão de sobejo para isso.

Desde há 8 anos que os governos de Salazar e de M. Caetano mentem e desinformam miseravelmente o povo português. A luta nacional libertadora na Guiné, como nas outras colónias portuguesas, não passaria dum problema de polícia a resolver em dias ou, quando muito, em semanas. Entretanto, muitos milhares de jovens operários, camponeses e estudantes têm morrido ou ficado estropiados nessas guerras criminosas, levando por sua vez a morte e a destruição aos povos oprimidos pelos colonialistas portugueses.

E o disco foi-se repetindo através dos anos até que se gastou. Outro apareceu com a ária de que a guerra «nos é feita de fora». Com esta nova mentira, o governo de Caetano e os colóniasistas que ele serve visam mais uma vez enganar o povo.

A situação na Guiné é grave para os colonialistas portugueses mas pode tornar-se trágica para os filhos do povo fardados que ali fazem uma guerra em defesa de interesses que não são seus, nem do povo português nem de Por-

tugal.

Preocupado, o governo de Caetano teria estabelecido mesmo contactos indirectos com o PAIGC. Para «desmentir», porém, a gravidade da situação, foi organizada a viagem do ministro Silva Cunha à Guiné, com forte cobertura jornalística, mas com ainda mais forte cobertura militar e policial. No dizer dos governantes fascistas, tudo navegava, afinal, num mar de rosas: as populações mantinham-se fiéis a Portugal — havia apenas uns tiritos vindos dos territórios vizinhos da Guiné (Conacri) e do Senegal. Mas de repente estala a castanha: o governo é forçado a anunciar a morte em combate de três majores e um alferes. Esta informação é certamente muito curta e não pode convencer ninguém. Tudo indica que o desastre foi maior. Senão, que o governo explique ao país porque razão imediatamente antes da notícia ser tornada pública, o general Spínola fez uma viagem secreta a Portugal.

Que o país seja informado sobre a verdadeira situação na Guiné!

Que os democratas, a juventude trabalhadora e estudantil, as mulheres — que o povo português exija o termo imediato da guerra e negociações com o PAIGC com vista à independência da Guiné!

## NO 1.º DE MAIO

### Desfiles e manifestações dos trabalhadores «A RUA É DO POVO»

Ao apelo do manifesto da Comissão Executiva do Comité Central do Partido Comunista Português e de dezenas de milhares de tarjetas, manifestos e cartazes, mais uma vez os trabalhadores, com a classe operária à cabeça, fizeram do 1.º de Maio uma bela jornada de luta contra a exploração e o fascismo, pela Liberdade e a Paz.

Trabalhadores da margem sul do Tejo, num total de 6.000, manifestaram-se no Barreiro. As forças policiais investem contra os manifestantes e fazem 8 prisões, entre as quais a do candidato democrata Monteiro.

Em Lisboa, as forças repressivas ocuparam a Baixa, proibindo o estacionamento e cortando o trânsito, mas os trabalhadores manifestam-se noutros locais. Em Campo de Ourique, concentração com 2.000 pessoas, na sua maioria operários, que enfrentam a GNR, PIDE-DGS, polícias de choque e militar gritando em coro: «Viva o 1.º de Maio!», «Abaixo o fascismo!», «Pão!», «Liberdade!», «Viva o Socialismo!». Em Cabo Ruivo, 200 operários da CARRIS ostentando braçadeiras negras manifestaram deste modo o seu descontentamento por o dia 1.º de Maio não ser feriado. No Arco do Cego, manifestação de 400 jovens.

Em Sacovém, 500 manifestantes fazem um desfile pelas ruas da vila cantando o hino racional, dando vivas ao 1.º de Maio e à Liberdade e gritando «Abaixo o fascismo!» e «Vitória!», depois de terem arancado um preso das garras da GNR. Em Moscovide, manifestam-se mais de 1.000 pessoas numa só voz: «Viva a liberdade!», «Viva o 1.º de Maio!», «Viva a classe operária!», «Abaixo a guerra!». A polícia faz prisões, nomeadamente o candidato democrata José Gouveia. Em resposta, os manifestantes entoam o hino nacional redobrando os slogans antifascistas. Magotes de pessoas formam-se em cada rua. Aos gritos de «A rua é do povo!», a população adere à manifestação. Em Vila Franca de Xira, 800 pessoas num mesmo clamor reclamam: «Liberdade!», «Fim da guerra colonial!», «Aumento de salários!» e outras reivindicações antifascistas. Dirigem-se para a rua principal onde fazem peralis o trânsito durante meia hora. Adesão espontânea da população à manifestação. Presos 20 pessoas, mas são libertadas nesse noite.

Éis um curto resumo das primeiras notícias sobre as manifestações do 1.º de Maio no nosso País.

## A VIDA DE PIRES JORGE ESTÁ EM PERIGO!

Preso há quase 9 anos, a saúde deste destacado dirigente da classe operária e do Partido Comunista Português agravou-se perigosamente.

Internado há um ano no hospital-prisão de Caxias depois de dura e prolongada luta do próprio e dos seus companheiros de cárcere e já em condições de urgência, Pires Jorge foi reenviado para a prisão de Peniche quando ainda se encontrava muito debilitado.

Agora Pires Jorge volta ao hospital-prisão de Caxias já em piores condições. Apesar disso, o «médico» Rubens Lavoura, certamente serventuário da PIDE-DGS, pondo em causa as conclusões dum outro médico pretende reenviá-lo para Peniche sem qualquer tratamento.

Parece, pois, não restarem dú-

vidas de que os designios do governo de M. Caetano visam assassinar Pires Jorge lentamente, já que não pôde vergar a sua tempera de revolucionário indefectível.

Com Pires Jorge entrou também de urgência no mesmo hospital José Magro, membro do C.C. do P.C.P.

Não é ali que se podem tratar das graves doenças que sofrem, fruto em grande parte dos longos anos de prisão e dos maus tratos ali sofridos. Só em liberdade o poderão fazer.

Trabalhadores, democratas, homens, mulheres e jovens de coração! Por cartas, telegramas, postais, abaixo-assinados ao chefe do governo, aos ministros da Justiça e do Interior reclamai a libertação imediata de Joaquim Pires Jorge e de José Magro!

## O preço da demagogia «liberalizante»

(continuação da 1.ª pág.)  
regime são violentamente rebatidas pela maioria ultra reaccionária que domina por completo os debates e as votações.

Tornou-se particularmente escandaloso o corte feito pela censura na imprensa diária das críticas mais vivas contidas nas intervenções dos deputados «liberalizantes». O facto só por si mostra até que ponto o regime fascista e as suas estruturas são incompatíveis com qualquer arremedo de real liberalização. O fascismo é inconciliável com a Liberdade e a Democracia.

### Impedir o regresso ao imobilismo salazarista prosseguir a ofensiva, eis o caminho!

Como o Part' do Comunista tem afirmado, a política fascista (ontem com Salazar, hoje com M. Caetano) não oferece ao país qualquer saída válida para a solução dos múltiplos problemas que afligem os trabalhadores e a nação e a nação e de que só o regime fascista e colonialista é responsável.

Todas as reformas ou pseudo-reformas de que os governantes fascistas se fazem arautos tem apenas em vista salvar o regime da actual crise em que se debate e prolongar o domínio e exploração da grande burguesia monopolista.

Como afirma a Comissão Política do CC, «as medidas demagógicas do governo, através das quais procura, com pinturas de fachada, dar aparente satisfação às reclamações populares, conferem a estas reforçada legitimidade. Voltar contra o governo a sua própria demagogia continua a ser

uma linha adequada ao momento que vivemos».

Por isso, impõe-se reforçar a mobilização e acção das massas na luta por um aumento geral de salários e por outros objectivos concretos imediatos tais como a dissolução de facto da Pide, a dissolução da Legião Portuguesa, a Amnistia, a abolição das «medidas de segurança», a abolição da censura, a gestão democrática dos sindicatos nacionais e Associações de Estudantes, a criação de organizações legais e de meios de informação progressivos.

O prosseguimento e intensificação da luta popular nas diversas frentes impedirá a recomposição do regime, obrigando a novas e reais concessões, a pagar o preço da sua própria demagogia «liberalizante», agravará a crise em que se debate, abrirá o caminho para o alargamento da luta pelas reivindicações imediatas fundamentais: pela liberdade de associação, de expressão do pensamento, de reunião, de manifestação, de greve e sindical, pelo fim imediato da guerra colonial, por uma viragem na política externa na base de relações pacíficas com todos os povos.

O movimento democrático precisa urgentemente de ultrapassar as dificuldades actuais em que se debate, resolver com espírito prático e objectivo os vários problemas de organização e de direcção existentes no seio do Movimento e que estão a entrar a acção prática de mobilização das massas para acções concretas. Só nesta base se poderão aproveitar plenamente as condições existentes para conduzir a uma nova ofensiva das forças populares e democráticas na luta pela Liberdade e a Democracia.

## AGRAVA-SE A SITUAÇÃO ECONÓMICA NACIONAL o fascismo prepara novas concessões ao capital estrangeiro

A gravidade da situação económica a que o regime fascista conduziu o país é agora aberta e publicamente confessada pelos próprios governantes caetanistas como o fez recentemente o Secretário de Estado da Indústria no Colóquio sobre Política Industrial.

Segundo assinala o Relatório do Banco de Portugal, «continuou a verificar-se em 1969 acréscimo da produção em ritmo mais modesto que o verificado em anos anteriores». Agravou-se o déficite da balança comercial que atingiu em 1969 quase 12 milhões de contos, mais cerca de 3 milhões que em 1968; o saldo da balança de pagamentos da zona do escudo que era em 1956 de 6 milhões de contos, baixou em 1968 para 4 milhões e cem mil e em 1969 caiu ao nível de 1 milhão e 600 mil contos. Isto significa que para manter o nível das despesas programadas para 1970 em que avultam as despesas com as guerras coloniais, a que são dadas prioridade, o governo será forçado a recorrer a novos empréstimos de capital estrangeiro mercadejando novas parcelas da independência nacional.

Os capitais portugueses e o Estado fascista, tendo adormecido

durante muitos anos à sombra das cláusulas aduaneiras proteccionistas para a atrasada economia nacional que lhes foram proporcionadas pela EFTA acordaram alarmados perante a perspectiva da desintegração daquela organização e o fim desse protecçãoismo aduaneiro.

Na perspectiva da adesão da Inglaterra ao Mercado Comum Europeu, ao qual já pediram também a sua adesão a Dinamarca e outros países, a EFTA desaparecerá e Portugal vê-se na contingência de negociar também uma qualquer forma de associação com o Mercado Comum.

Ora, uma das condições de adesão ao Mercado Comum para as quais a economia portuguesa não está preparada, é a quase total liquidação das barreiras alfandegárias e do protecçãoismo aduaneiro de que Portugal beneficiava na EFTA.

A par de condições económicas mais severas, a eventual adesão ou mesmo a associação ao Mercado Comum comporta exigências de carácter político tendentes ao integracionismo supranacional nas estruturas da União da Europa Ocidental e no chamado Par-

## NOS QUARTÉIS

**DESERÇÃO DUM PELOTÃO COMPLETO** — Em Évora, há cerca de 3 meses, desertou um pelotão completo, sob o comando do alferes miliciano Galho.

Ocorrida nas vésperas da partida para as colónias, a deserção desorganizou totalmente o batalhão que só pôde partir passado um mês. Entretanto, neste período, desertaram ainda mais 4 mililitares.

### LEVANTAMENTOS DE RANCHO

**Vendas Novas** (princípios de Março) — Um militar levanta-se e diz que não come porque a comida é péssima e todos os outros — 60 cabos milicianos — o acompanham.

**Mafra** (Outubro) — 200 soldados recusam-se a comer. O oficial de dia intervém e como nada consegue manda sair a maioria. Sob coacção, 10 militares que ficam são obrigados a comer.

### INSCRIÇÕES ANTI-FASCISTAS

O quartel de Vendas Novas foi inundado de inscrições anticoloniais e antifascistas, nos mais variados locais: salas de aula dos Cursos de Oficiais Milicianos e Sargentos, escadas, casernas, retretes, etc.

As inscrições diziam: «Abaixo o fascismo», «Viva a C.D.E.», «Viva o P.C.P.», «A África é dos negros», «Abaixo a guerra colonial», «Abaixo o Spínola», «Organizai deserções colectivas» etc, e entre elas bem visível, a foice e o martelo.

Ante os apelos à denúncia dum oficial de instrução, o pelotão reage com energia e não teme discutir a legitimidade das inscrições. Depois de ameaçarem alguns milicianos com Penamácor, os oficiais fascistas realizam um inquérito oral de carácter pidesco a todos os milicianos, mas estes não só não se intimidam como fortalecem a sua unidade e determinação.

### DEBATES CONTRA AS GUERRAS COLONIAIS

— Em alguns quartéis, as aulas de «psicologia e guerra subversiva» começam a transformar-se em debates sobre a guerra

lamente Europeu.

Os fascistas têm sempre desdenhado destas exigências políticas e no passado nunca encararam a hipótese de terem de negociar a adesão de Portugal ao Mercado Comum dado que o regime e as estruturas da ditadura fascista são em tudo antagónicas com os padrões tradicionais da democracia burguesa predominantes na Europa Ocidental.

Recentemente ainda foi aberto no Parlamento Europeu, em Estrasburgo, um debate sobre a situação política em Portugal na base dum relatório oficial em que se condena a ausência de liberdades, a existência da censura à imprensa e a inexistência de partidos políticos. A censura fascista cortou totalmente a publicação desta notícia.

É no contexto desta situação e da confessada exigência dum «viragem» para a Europa que se devem entender as razões internacionais da demagogia «libera-

colonial. Neles é criticada a exploração dos povos coloniais e defendida abertamente a sua independência, não sendo raro que os próprios instrutores revelem a sua fraca convicção na política colonialista.

### CONTRA A VIOLÊNCIA DOS EXERCÍCIOS

Em determinado pelotão, a quem o instrutor obrigava, em pleno inverno e de manhã cedo a marchar através duma fossa imunda, com a água até à cintura e a marcar passo, os instrutores usaram o hino como arma de luta. Durante 3 dias consecutivos, depois da saída da fossa, cantavam em coro: «Oh, liberdade». Depois disso, o instrutor não ousou exigir o mesmo exercício.

### CONFRATERNIZAÇÃO E SOLIDARIEDADE

Num almoço de despedida dum camarada que fora mobilizado para a Guiné, em certo pelotão, um cabo miliciano, sobe para uma cadeira e afirma ao fazer um brinde: «Esperemos que antes de o nosso companheiro chegar à Guiné ela se torne independente». E é saudado com entusiasmo pelos presentes.

— A fim de evitar que 2 milicianos reprovem no curso por dificuldades nos exercícios físicos, os seus companheiros põem em jogo a sua própria qualificação fazendo tempos muito inferiores nas corridas, gritando ao mesmo tempo: «Unidade! Unidade!»

### ACÇÕES REIVINDICATIVAS

— Em Mafra, os oficiais instrutores recorrem à «cera» durante 2 semanas, em Novembro, por não lhes ser pago um subsídio de 400\$00 a que têm direito: marchas no campo que deveriam durar até às 5 horas da manhã passaram a acabar às 11 da noite; jogos de futebol em lugar de instrução. Ao mesmo tempo, explicavam aos militares as razões da sua luta.

### SARGENTOS DA MARINHA

— Manifestando o seu descontentamento contra os aumentos irrisórios que lhes foram atribuídos, fizeram uma exposição reivindicativa. Só na região de Lisboa, assinaram mais de 900 sargentos (90%).

lizante» do governo de M. Caetano com as mudanças de fachada introduzidas no aparelho e instituições fascistas, tendentes a apagar os aspectos mais odiosos do Estado fascista.

Acontece, porém, que as exigências económicas dum tal «viragem», como o confessam os ministros tecnocratas da equipa caetanista, implicam a liquidação dum grande parte das velhas estruturas industriais bulindo com interesses e situações dum importante camada da burguesia monopolista e colonialista que medrou à sombra do corporativismo fascista e do monopólio da exploração colonial. Esta perspectiva provoca resistências, violentos choques de interesses e novas contradições entre os vários clãs fascistas.

As consequências desta evolução traduzir-se-ão numa maior penetração e domínio do capital imperialista estrangeiro nos vários ramos da economia nacional.

## OS PESCADORES DA SARDINHA EM GREVE

Os pescadores da sardinha da costa Norte, do Algarve e de Peniche declararam-se em greve no dia 1 de Abril. Em fins do mesmo mês, a greve prosseguiu. A recente decisão oficial de não haver defeso encontrou a firme oposição dos pescadores, que reclamam uma nova contrata e a melhoria das suas actuais condições de trabalho. Com uma safra a pegar na outra, automaticamente se varia a continuidade da velha contrata, o que significaria não só a continuidade como o agravamento da exploração feroz a que estão sujeitos os pescadores.

Logo no primeiro dia de greve, os pescadores de Matosinhos, Afurada e Póvoa apresentaram as seguintes reivindicações imediatas: salário fixo de 50\$00 diários (caldeirada) e 1% sobre a receita bruta do pescado.

Avante, valentes pescadores! São mais do que justas as reivindicações que apresentais. São igualmente justas as vossas aspirações à obtenção de férias pagas, abono todo o ano, reforma, etc., regalias já alcançadas por outros trabalhadores e que vos continuam a ser negadas. Passai a reivindicá-las firme e insistentemente!

### «QUEREMOS TRABALHO!»

#### reclamam os vidreiros da Roldão, na M. Grande

Defendendo o direito ao trabalho que lhes é negado, 120 operários despedidos por esta empresa vidreira em fins de Março concentraram-se junto do Sindicato, acompanhados pelas mulheres e pelos filhos, enquanto uma delegação se dirigia à direcção.

Cerca de 400 vidreiros fazem em seguida uma concentração de apoio.

A P.S.P. aparece no local, intimida a dispersar, mas é vaiada. Enfrentando os agentes policiais, os vidreiros gritam: «Queremos

trabalho! O chefe da PSP procura deitar água na fervura e sem mais aquelas afirma que a policia estava ali para defender os interesses dos trabalhadores. A Pide-DGS (outra grande «defensora») também não faltou, não só na Marinha Grande como nas localidades próximas.

Adiante, valentes vidreiros! Realizai novas concentrações e outras formas de acção junto do Sindicato e das autoridades responsáveis! Vidreiros da Marinha Grande! Todos ao lado dos vossos camaradas despedidos!

#### Para os mineiros de S. Pedro da Cova PÃO OU TRABALHO!

Depois de terem sugado o sangue de várias gerações de mineiros, os exploradores da Companhia das Minas de Carvão de S. Pedro da Cova preparam-se para lançar à rua e ao desemprego cerca de 1.000 mineiros.

A notícia do próximo encerramento das minas veio ainda patentear outra revoltante realidade: S. Pedro da Cova era um feudo da Companhia das Minas de Carvão. Os seus domínios estendiam-se desde as habitações ocupadas pelos mineiros até à água e à electricidade que abastece toda a terra e mesmo às colectividades ali existentes.

Receando grandes lutas e a força da opinião pública, o go-

verno diz-se «atento», os presidentes das Juntas de Freguesia fazem reuniões conjuntas junto da Câmara de Gondomar enquanto os capitalistas vão fazendo promessas de indemnização.

Entretanto, os mineiros reivindicam com energia:

— Subsídio igual ao salário; garantia de habitação actual, da água e da luz; reforma com base no salário por inteiro para todos os doentes e incapacitados; integração na Previdência, tendo em conta os anos de casa e os salários!

Apoiar estas reivindicações dos mineiros é um dever dos trabalhadores, particularmente os da região do Porto.

## GREVE DOS TÊXTEIS em Riba de Ave

Na OLIVEIRA FERREIRA, uma secção com mais de 100 operários fez greve de braços caídos até conseguir a promessa de aumento.

Noutra empresa, todos os trabalhadores fazem greve de 1 dia. A gerência faz um inquérito mas só consegue esta resposta dos operários: tinham ido trabalhar para o campo, onde receberam um salário muito maior.

Operários têxteis! Realizai amplas reuniões para discutir o aumento exacto que desejeis e as outras reivindicações a apre-

sentar ao patronato. Em todas as empresas, eleger Comissões de Unidade para encabeçar a luta! Não há que fiar em promessas! Insisti na acção até que sejam satisfeitas as vossas reivindicações!

A luta não pode parar. A unidade e organização dos trabalhadores deve fortalecer-se dia a dia. Impõe-se que as organizações do Partido intervenham da forma mais decidida para que o descontentamento dos trabalhadores se transforme em acção organizada, única capaz de enfrentar e desmascarar as manobras do patronato e de desenvolver a luta à volta das reivindicações mais sentidas dos trabalhadores.

## GREVE ÀS HORAS EXTRAORDINÁRIAS os portuários de Leixões venceram

No dia 5 de Março, os estivadores de Leixões recusavam-se a ser horgs extraordinárias, passando a uma fase de luta mais audaz para fazerem ouvir a sua voz. Tinham ligado sem resposta as justas reivindicações apresentadas há mais de 6 meses.

Paralelamente, os estivadores tinham constituído a sua Comissão de Unidade e elaborado uma explicação que recobera 600 assinaturas, entregue no Sindicato, reclamando salários e regalias iguais aos dos seus colegas de Lisboa.

Sem darem ouvidos às promessas enganosas do delegado do Instituto Nacional de Trabalho, que apareceu logo após o início da greve, aplicando uma sova

mestra a 4 «furadores» contratados para descarregar um barco depois das 17 horas, os estivadores defenderam e fortaleceram a sua unidade, fazendo fracassar as manobras do patronato e do governo para entrar a luta.

Dias depois, os descarregadores seguiram o exemplo dos seus camaradas em luta, aderiram à greve e reclamavam igualmente as mesmas condições dos seus colegas de Lisboa.

A luta tomou o aspecto de greve geral nos 2 últimos dias e terminou no dia 2 de Abril com a vitória dos portuários, graças à sua unidade, persistência e escolha acertada de formas de luta que atingiam em cheio os interesses patronais.

## PARALISAÇÕES

SONAFI (Porto) — Os operários da secção de mecânica, seguidos pelos seus camaradas das outras secções, paralisaram o trabalho para irem reivindicar aumento de salário junto do encarregado-geral.

O engenheiro-chefe, que é também deputado fascista, procura entreter com a velha cantilena de ir investigar o que pagavam as outras empresas.

Tendo ficado à espera que a secção de mecânica fosse de novo a primeira a arrancar e como esta não o fizesse, a nova paralisação encarada não teve lugar.

Aproveitando a hesitação e a expectativa entre os trabalhadores, o patronato, endurece a sua posição comunicando aos trabalhadores que não pode pagar mais e chama a GNR que passa a exercer apertada vigilância à volta da fábrica.

A acertada decisão dos operários de dar um prazo de 48 horas para resposta impunha que aqueles se mantivessem na ofensiva, insistindo no ataque em bloco, coordenando melhor a sua acção.

PLÁSTICOS UPLA (Marinha Grande) — Os 200 operários desta empresa reagiram prontamente à tentativa do patronato de reduzir o tempo de refeição de uma para meia hora. O turno das 8 às 16 não acata a ordem e igual decisão é tomada pelos 2 turnos restantes.

Sabendo tirar partido da unidade criada nesta acção, os operários passam a incluir na luta a reivindicação de aumento de salário. No dia 20 de Março, o 2.º e o 3.º turnos não pegam no trabalho mantendo-se de braços caídos junto das máquinas.

A Administração procura desculpar-se lançando a culpa para

os encarregados, mas é forçada a ceder: os operários impõem a continuação do horário de 1 hora para a refeição e conquistam o aumento de 10\$00 diários.

FIL — Empresa têxtil (Porto) — 100 operários da secção de fição do turno da manhã paralisaram o trabalho cerca de 1 hora para reivindicarem aumento de salário.

BARREIROS — montagem de camions (Setúbal) — Os operários fazem uma paralisação para pedir aumento e só retomam o trabalho depois de lhe ser garantido o aumento para Abril.

O patrão fez vários despedimentos, mas não conseguiu vergar a firmeza e a unidade dos trabalhadores que exigiram e alcançaram a readmissão dos companheiros.

Paralisaram igualmente o trabalho os operários da SECHE- RON (Porto), que conseguem o pagamento imediato do salário em atraso; os operários da FACAR (Porto), que reclamam e conquistam aumentos de salário, os operários da NACITEX (Porto).

## Concentrações

SÍLVIO SALDANHA (fábrica de latas) — Santa Iria — Os operários desta empresa (cerca de 200) concentraram-se junto da gerência para reivindicar aumento de salário.

A acção começou por parte das mulheres, sendo seguida imediatamente por todo o pessoal. O patrão apressou-se a dar aumentos a partir de 4\$00 ao pessoal mais mal pago e a prometer aumentos para todos.

CORTICITE (Lisboa) — Concentrando-se em bloco na gerência, os operários desta empresa (mais de 500) insistem na sua reivindicação de aumento de salários.

Ante a força unida dos trabalhadores, o patronato vê-se forçado a propor receber uma Comissão com 2 ou 3 operários de cada secção que se constituiu rapidamente. Decorridos 8 dias, o pessoal era convocado para uma reunião no fecho do turno, onde no meio de desculpas e apelo à calma, o patronato anunciava aumento para todos.

## ASSEMBLEIAS MASSIVAS NOS SINDICATOS

### Os ferroviários põem em cheque a direcção

Nova explosão de descontentamento dos ferroviários.

Em Assembleia Geral do Sindicato dos Ferroviários do Centro, criticam indignadamente a direcção por se ter recusado a reunir e discutir o projecto do A.C.T. com os associados e finalmente assinar o Acordo sem o conhecimento e a aprovação da classe.

Saltando que tudo o que haviam conseguido o tornaram apenas em resultado da sua luta, os ferroviários apresentaram um abaixo-assinado com cerca de 1.500 assinaturas em que declaram «to-

talmente negativo» o trabalho da direcção. Em seu apoio, esta apenas conseguiu granjear uma escassa centena e meia de assinaturas num abaixo-assinado.

Ante a apresentação duma moção propondo um voto de censura à direcção, a reprovação do relatório e contas e a realização de Assembleias extraordinárias para os ferroviários poderem discutir todos os seus problemas e reivindicações, a direcção interrompeu precipitadamente os trabalhos da Assembleia, no meio dos mais vivos protestos dos ferroviários.

### 1.000 metalúrgicos no Porto

#### Voto de desconfiança na direcção

Reunidos em Assembleia Geral, cerca de 1.000 metalúrgicos do distrito do Porto, discutem o relatório e contas de 1969 e denunciam a abusiva utilização dos fundos do Sindicato pela direcção.

Lacada do patronato e do governo, a direcção temia este ajuste de contas e por isso convocara a Assembleia para o meio da tarde, a uma hora em que os associados

deviam trabalhar. Mas tudo em vão.

Numa Assembleia excepcionalmente concorrida, 1.000 metalúrgicos reprovam as contas apresentadas e aprovam um voto de desconfiança na direcção.

Do mesmo tempo, entregavam uma exposição com 438 assinaturas reclamando uma vez mais uma Assembleia Geral para discutir o novo C.C.T.

### 11.000 bancários em Lisboa e Porto

Culminando uma luta firme e tenaz que vinham travando há já um ano, 8.000 bancários de Lisboa e 3.000 do Porto reúnem-se simultaneamente em Assembleias Gerais para apreciar a decisão do tribunal arbitral acerca do seu novo Contrato Colectivo de Trabalho.

Embora as reivindicações dos bancários não tenham sido total-

mente satisfeitas, as regalias que acabam de alcançar em matéria de vencimentos, novos períodos de férias e respectivos subsídios, reformas e promoções, são uma importante vitória dos bancários de todo o País, fruto do alto grau de unidade que souberam forjar em volta de direcções sindicais honestas e fiéis à classe.

## Outras lutas e vitórias

Em resultado da sua acção, os trabalhadores alcançam a satisfação total ou parcial das suas reivindicações em várias empresas.

Na Siderurgia Nacional (Seixal), além de muitas promoções, são concedidos os seguintes aumentos: 350\$00 para os escalões mais baixos, 480\$00 para os médios e 350\$00 para os superiores. Em alguns casos, com as promoções, os aumentos atingem os 700\$00 mensais.

Na Movauto (Setúbal), houve aumento geral de 8\$00 e numerosas promoções.

Na Lanifícios Tejo (Alenquer), alcançam mais 4\$00 de aumento além dos recentes aumentos de salário da ordem dos 25%, resultantes do novo Contrato Colectivo de Trabalho.

Na Mevil (V. Franca), conquistam aumentos de 10\$00 a 22\$00 para os oficiais e 4\$00 para os aprendizes e dispõem-se a continuar a luta.

Na Metalúrgica Luso-Italiana (Lisboa), aumento geral a todo o pessoal.

Na Sonaca (Baixo-Ribatejo), depois de conseguirem aumentos de 4\$00 a 15\$00, os operários continuam a luta pela satisfação das seguintes reivindicações: novos aumentos gerais, passagem a mensais e o 13.º mês.

Na Argibay (Alverca), a empresa anuncia aumentos ao mesmo tempo que ensaia a manobra do dá e tira: redução do pagamento dos serões para 50% em vez de 100%; pagamento dos domingos, mas apenas como prémio de assiduidade e bom comportamento.

Reagindo sem demora, os operários constituem uma Comissão que só é recebida pelo engenheiro após numerosas insistências.

Foram vãs as falas mansas do patrão. Os operários não mordem a isca do «prémio» que os deixaria sujeitos ao arbitrio patronal. Por isso os trabalhadores prosseguem a luta pelas seguintes reivindicações imediatas: pagamento incondicional do 7.º dia, aumento de salários, serões a 100%, sem qualquer obrigatoriedade de os operários terem de os fazer.

Na Socel (Setúbal), os operários reuniram-se e reclamaram por escrito: aumento de prémio de turno, vencimento do prémio mesmo para além das 4 horas por doença. A sua primeira reivindicação já foi atendida.

Na Cipam (Vala do Carregado), uma delegação de várias secções reclama aumento de salário. A gerência promete aumento a partir de Abril.

Na Ejacac (Porto), os operários reclamam aumento de salário através duma Comissão. Quando se dispõem a fazer uma paralisação, conquistam o aumento.

Na Secil (Setúbal), o aumento conseguido, de 8\$00 a 16\$00, por ser muito desigual não satisfaz.

## AINDA O 8 DE MARÇO

Além do já noticiado no número anterior do «Avante!», as mulheres levaram a cabo ainda as seguintes comemorações:

Em Moscavide, um convívio-colóquio, com 250 pessoas, onde foram recolhidas assinaturas para um abaixo assinado público reclamando a criação de escolas pré-primárias; em Lisboa, reunião com cerca de 100 mulheres numa igreja anglicana; colóquio em Santarém com perto de 100 pessoas.

## Rádio Portugal Livre

Transmite todos os dias das 18 às 8,30 em 19 metros; das 19 às 21 horas em 26 metros. A última emissão é transmitida das 0,20 às 0,50 em 26, 32 e 56 metros.

Jachada. A vigilância dos estudantes e do desmascaramento de demagogia caetanista é condição indispensável para o fortalecimento do movimento estudantil e para novas conquistas.

## VITORIOSOS OS ESTUDANTES DE COIMBRA

### alerta contra a demagogia caetanista!

Polejando firme e incançavelmente com as armas da razão e da sua força unida, os estudantes de Coimbra acabam de sair vencedores dum longo e duro combate: os processos disciplinares foram arquivados; o processo criminal pendente anulado; os estudantes incorporados no exército podem regressar às aulas e concluir os seus cursos. A este recuo em forma do governo chamam os governantes fascistas «benevolência».

Dias antes, víramos o chefe do Estado alardear a sua «benevolência» ao receber uma delegação da Universidade de Coimbra, representante de 151 professores e dos estudantes arbitrariamente castigados. Só agora era forçado a reconhecer que a sua posse não fora o «selvo director» das manifestações, que fora correcta e a atitude do presidente da Associação, posteriormente incriminado por ofensas ao chefe do Estado. Então — cabe perguntar — porque deixou sem resposta o pedido de audiência feito pelos mesmos 151 professores no ano passado, num momento em que o fascista Sariva, então ministro da Educação, culmiava os estudantes e fazia cair sobre eles a repressão policial? Onde estava essa «benevolência» e o seu «querer à verdade»?

Recentemente, víramos também o novo ministro vir anunciar ao País novas medidas tendentes a remediar algumas das mais clamorosas mezelas de que enferma a Universidade e a prometer novas medidas, como a multiplicação de bolsas de estudo e a criação de cursos nocturnos na Universidade, sendo esta uma das reivindicações básicas dos estudantes do Distrito de Lisboa, que haviam há pouco recorrido à greve. O alargamento do Conselho Escolar no Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras pela participação de todos os primeiros assistentes e a criação dum Conselho Geral incluindo 10 representantes dos estudantes também foram decididos nos últimos

dias.

No seu conjunto, tais cedências reflectem não a «benevolência», mas as dificuldades do governo e demonstram que só sob a pressão das lutas estudantis outras poderão continuar a concretizar-se.

Sob o signo da «specificação», actual técnica de governo que tem o novo ministro da Educação e o novo Rector de Coimbra os principais arautos, os fascistas procuram tirar partido de todos os seus recuos e servir-se deles como travão para o ímpeto combativo dos estudantes. Pela mesma razão, insistem em desfaludar e bendizer a «despolitização» e a «coexistência pacífica de ideologias diferentes» na Universidade.

Em Coimbra, a acção «specificadora» do novo Rector traduziu-se recentemente na tentativa de minar a confiança dos estudantes nos seus dirigentes associativos, depois de se ter furado longo tempo a dar uma resposta inequívoca ao problema da normalização da Associação Académica. Porém, na sua acção, os estudantes de Coimbra não tardaram a demonstrar que sabem dar a réplica devota a todas as manobras de bastidores e de divisão; no dia 17 de Abril, milhares de estudantes reunidos no teatro Gil Vicente, comemoravam o primeiro aniversário do início de sua valente luta, reafirmando a sua determinação de a prosseguir até à completa satisfação das suas reivindicações. Foi sem dúvida sob a pressão destas acções, que o novo rector declarou ao ministro Simão esperar «mais algumas decisões» para que fossem dados os passos fundamentais para a normalização da vida académica.

Mas não bastem «mais algumas decisões». Como não basta que o alano ministro da Educação repita demagogicamente e textualmente as palavras de ordem dos estudantes de «Universidade Nova», de «Uma Universidade para a Nação», e que declare que o governo deseja uma

«auténtica democratização do ensino» Os recentes acontecimentos registados na Assembleia Nacional fascista à volta de um incisivo aviso sobre a Universidade, e nomeadamente os dois «s» de censura denunciados pelo próprio deputado, são uma prova ineludível de que o governo teme as reformas, por não as pequenas que sejam e continua disposto a levar a cabo uma simples reforma de

## Quantias recebidas dos amigos do Partido

Alfredo Dinis 50\$00	melhos 50\$00	lilicos 300\$00	xista 60\$00
idem 100\$00	idem 70\$00	Literatura 40\$00	Por um Portugal Livre 400\$00
Amigo erradotes 50\$00	Da terra nasce o homem 65\$00	Luta armada 500\$00	idem 200\$00
Ajuda democrática 100\$00	idem 65\$50	Maria Gabriela 750\$00	Presos e perseguidos políticos 640\$00
Ajuda particular 40\$00	Documentos 20\$00	Medalha 1.000\$00	idem 1.000\$00
Amigo francês 25\$00	Lénine 20\$00	Lénine 500\$00	idem 120\$00
Amigos de Peniche 100\$00	Do povo (F) 50\$00	Milhões 130\$00	«políticos» 1378\$00
Assim foi temperado o ego 287\$50	Emblemas 50\$00	Mundo 50\$00	Santa Maria 40\$00
idem 294\$00	idem 500\$00	Novo F 50\$00	idem 38\$00
Santo Caraca 60\$5	idem 500\$00	O povo vencerá 750\$00	Sears ver. melha 70\$00
Canais Rocha 50\$5	Emblemas soviéticos 250\$00	Oito de Março 50\$5	idem 38\$00
Cartões de Natal 105\$00	Emigrantes antifascistas 55\$	Os trabalhadores da força são a base do socialismo 167\$50	Uma amiga 100\$00
Catarina Eufémia 300\$00	Folhetos 70\$00	Para uma tarefa 200\$00	Venceremos! 500\$5
Centenário da Camarada Manuel 350\$00	Lénine 90\$00	Pela democracia 200\$00	Vermelhos 90\$00
Comunista vermelha 300\$00	Força do povo 20\$5	Pela democratização de TV 180\$00	idem 70\$00
Centra o revisionismo de esquerda e de direita 800\$00	F. Ferreira Marques 100\$00	Pela vitória do nosso P. 200\$00	Vitória socialista 20\$00
Cravos ver-	Germano Vidgal (A) 69\$00	Pires Jorge 5.350\$5	idem 20\$00
	Glória e Lénine 4.340\$00	Por Eça 262\$00	2 alentejanos revolucionários 20\$00
	Iniciativa para o Partido 675\$00	Por um humanismo marxista 20\$00	idem 20\$00
	João (F) 75\$00		
	Liberdade Canais Rocha 300\$5		
	Liberdade para presos po-		

TOTAL: 27.999\$20

NOTA: Para presos políticos recebemos 290 Fr. de Cann. e 100\$00 da cáfila José Gregório

# ABAIXO A REPRESSÃO!

Acções repressivas nos locais de trabalho, nas universidades, nas ruas e nas próprias casas dos cidadãos, prisões, espancamentos, torturas nos antros da PIDE-DGS, pesadas condenações contra os militantes antifascistas, sempre que se levantam em defesa dos seus direitos e dos interesses do povo e do País, têm sido uma constante do governo fascista de M. Caetano nos últimos meses.

A violência policial contra os democratas e o povo fez-se sentir quando das comemorações do 31 de Janeiro no Porto, Vila Franca de Xira, Almada, etc. Pela mesma altura, sob pretextos vários ou sem pretexto algum, foram presos vários democratas em Alenquer, Carregado, Vila Franca, Alverca, Porto, etc.

Em Lisboa, freguesia de Alcântara, o bando da PIDE-DGS prendeu 23 democratas, entre eles o engenheiro Jorge Silvestre, Isabel Tavres, Rosa Cardoso, Maria Amélia Gomes dos Santos, quando realizavam propaganda sobre o recenseamento. Em Guimarães e outras localidades foram assaltadas casas e roubados documentos que não passavam de extractos de documentos oficiais. Mais uma vez ficou provado que o governo não está interessado nem num recenseamento honesto e massivo como proclama, nem em eleições com um mínimo de decência.

Em Almada e Cova da Piedade foram presos António de Almeida Moura, Gilberto Silva e o sargento de marinha, Manuel Custódio.

Sem qualquer mandato o recusando identificar-se, agentes da PIDE DGS assaltaram a sala de Estudos Jurídicos da Associação da Faculdade de Direito de Lisboa, espancaram estudantes, entre eles, Alberto Costa, estrogaram e roubaram materiais, prenderam o dirigente de mesma Associação, Rui Afonso, assim como os estudantes Vítorino e Machado Graça. Pouco antes tinham feito o mesmo na Faculdade de Letras. Pela mesma altura é assaltada a sede da CDE de Lisboa, Travessa do Calado, apreendidos materiais, os democratas impedidos de ali reunirem e preso e levado para o antro da PIDE o democrata Pinto Bendeira. A conhecida democrata Rosalina Pinho e outro de nome Cerqueira são igualmente presos e sujeitos a interrogatórios.

Em 19 de Fevereiro é proibida a realização duma conferência sobre política colonial organizada pelos estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa e no mesmo dia é preso em sua casa o advogado Salgado Zenha por agentes da PIDE. A coberto da censura e da impunidade, a PIDE deturpa os factos, mente, desinfecta, calunia os democratas. Pela mesma altura é assaltada a Cooperativa Universitária — LIVRACO — e roubados muitos livros pelo bando da PIDE.

O governo responde às reivindicações dos estudantes com as forças policiais, prende ou mobiliza para o exercício muitos deles, manda encerrar faculdades e institutos em Lisboa e Coimbra.

Em 21 de Fevereiro, a polícia de choque espanca brutalmente os estudantes e outros que se manifestavam no Rossio, em Lisboa, contra a guerra colonial, prendendo alguns. Nesse mesmo dia é presa na rua, quando seguia só, e conhecida democrata Maria Eugénia Varela Gomes, membro da Comissão Nacional de Socorro aos Presos Políticos.

Os médicos dos hospitais civis de Lisboa, em greve por melhores condições de trabalho e assistência aos doentes, vêm assaltados e as suas instalações pelo bando da PIDE DGS que leva dali documentos e prende o médico Dr. Carlos de Mascarenhas Matos.

Em 7 de Abril, é assaltada a casa do padre angolano Pinto de Andrade que é preso pela quarta vez, apesar de nunca ter sido apurado qualquer culpa formada contra ele. Igualmente são presos outros 10 angolanos, entre eles várias mulheres, acusados de pertencerem ao M.P.L.A. e instaurados processos criminais contra eles.

Em princípios de Fevereiro, em Coimbra foram presos vários estudantes por se manifestarem contra a guerra colonial. Em Vila Franca de Xira foi preso o democrata padre Carlos Cruz, assim como Jorge Vilaça e sua esposa, cidadã francesa, Dominique Savoniti.

Em várias terras do País as forças repressivas intimidam, ameaçam abertamente, seguem democratas e exercem vigilância ostensiva junto das suas casas, chegando mesmo a exercer pressão junto de empresas para não darem trabalho a certos militantes antifascistas.

Conferências, colóquios, sessões de carácter político ou simplesmente canções e culturais são arbitrariamente proibidas ao mesmo tempo que são exercidas pressões e feitas ameaças de represálias sobre as colectividades e entidades a que as organizem ou cedem as instalações para isso.

Por sua vez, os Tribunais Plenários, cujos «juizes» são parte integrante da PIDE-DGS, continuam a ditar pesadas condenações, em especial contra os militantes comunistas, como sucedeu ainda recentemente em relação a Angelo Veloso, Manuel Pedro, Cabral de Matos, Madalena de Oliveira e ao democrata Dr. Picado Hortes.

Nenhuma bandeira do anticomunismo conseguirá encobrir a violência, as ilegalidades e o arbítrio do governo dito liberalizante de M. Caetano.

## Alargar a luta contra a repressão fascista Pela libertação de todos os presos políticos

Os democratas e as massas populares, porém, não cruzam os braços ante esta situação, protestam contra a acção criminosa das forças repressivas e não poucas vezes resistem contra as suas arbitrariedades; reclamam a libertação de todos os presos, exigem a dissolução efectiva do bando da PIDE-DGS, reclamam o direito de actuar politicamente à luz clara do dia.

**Criando a Comissão Nacional**

de Socorro aos Presos Políticos, os democratas ou simplesmente pessoas de bons sentimentos dearam uma nova e importante contribuição à luta contra a repressão, pela defesa das vidas dos presos e pela sua libertação. Na sua ainda curta existência a sua acção por esta justa causa é já meritória. Dar-lhe todo o apoio e colaboração activa é um dever que se impõe a todos os que amam a liberdade e aspiram a ela.

Por meio de abaixo-assinados centenas e centenas de pessoas de todas as condições sociais e credos políticos e religiosos reclamam a libertação de Joaquim Pires Jorge, Octávio Pato, Blanqui Teixeira, José Magro, dirigentes do Partido Comunista Português, do militante comunista Jorge Araújo, do dirigente católico Manuel Serra.

Os estudantes do Instituto Superior Técnico convocam uma assembleia geral extraordinária para tratar do caso Blanqui Teixeira, na qual foram aprovados vários telegramas às autoridades reclamando a sua libertação. Com o mesmo objectivo reuniu no passado dia 26 de Fevereiro, em sessão extraordinária, a Assembleia Regional da Ordem dos Engenheiros de Lisboa, onde mais de 200 engenheiros aprovaram por aclamação o pedido de libertação do colega Blanqui Teixeira a dirigir por uma delegação da Ordem ao presidente do Conselho e ministros do Interior e das Corporações.

Num telegrama à Presidência do Conselho, cerca de 200 advogados protestam contra a prisão arbitrária do colega Dr. Salgado Zenha, solidarizando-se ao mesmo tempo com ele.

Uma Comissão de democratas do distrito de Setúbal que incluí os 4 ex-candidatos oposicionistas, protestaram junto do governador civil contra as prisões de Manuel Custódio de Jesus, Gilberto Henrique da Silva e António de Almeida Moura. Em telegramas com mais de 200 assinaturas enviados a M. Caetano e

aos ministros do Interior e Justiça reclama-se a sua libertação imediata.

Em Lisboa, Porto, Coimbra, Vila Franca de Xira, Barreiro, Almada, etc, democratas, trabalhadores, estudantes, mulheres, jovens, protestam junto das autoridades contra a repressão política e exigem o seu termo imediato assim como a libertação dos presos. Dezenas e dezenas de milhar de tarjetas e outros documentos são distribuídos e lançados um pouco por toda a parte informando o povo e chamando-o a participar activamente na luta contra a repressão, pela defesa dos presos, POR UMA AMNISTIA GERAL PARA TODOS OS PRESOS POLÍTICOS.

Urge, porém, intensificar, alargar e multiplicar à escala nacional as acções repressivas contra toda a política repressiva da ditadura.

## Salvar a vida dos presos Arrancá-los das prisões

Nas prisões de Peniche, Caxias e Porto, e diariamente nos antros da PIDE-DGS, encontram-se homens, mulheres e jovens presos há longos anos sujeitos a maus tratos e pressões de toda a espécie, a serem torturados, com a saúde arruinada, como os militantes comunistas Pires Jorge, António Dias Lourenço, Octávio Pato, Blanqui Teixeira, José Magro, Diniz Mirande, Canais Rocha, Domingos Abrantes, Rogério de Carvalho, Angelo Veloso, João Honrado, José Carlos, Veiga de Oliveira, Manuel Pedro, Cabrel de Matos, Fernando Tomás, Rosalina Labaredas, Madalena de Oliveira, Ursula Machado, o militante católico, Manuel Serra e tantos outros que é preciso arrancar dali sem perda de tempo, que é preciso salvar, que é preciso arrancar das mãos dos torturadores profissionais da sinistra PIDE-DGS.

Unir e coordenar as acções em curso com esse objectivo, alargar as iniciativas apelando para todas as pessoas de coracção, é um imperativo que se coloca a todos os democratas e antifascistas e, em primeiro lugar aos militantes comunistas.

## No aniversário da vitória sobre o nazismo

Nos dias 8 e 9 de Maio de 1970, os povos da Europa celebram o 25.º aniversário da vitória sobre o nazismo.

São passados 25 anos e, estranhamente, não foi celebrado ainda um tratado de paz na Europa, continuando estacionados em bases militares na Alemanha Ocidental, em Berlim Ocidental e em outros países, cerca de 200.000 soldados americanos. Nestes últimos 25 anos, os Estados Imperialistas, com os Estados Unidos à cabeça, aliarão-se às forças militares reacionistas da Alemanha Ocidental que armaram e equiparam, criaram o Bloco militar agressivo da NATO, fazendo do anticomunismo e do antisovietismo a política oficial dos países da NATO.

Apoiados no Bloco agressivo da NATO e no revanchismo Oeste alemão, assim como em toda uma série de organizações fascistas e antisocialistas, os imperialistas americanos organizaram diversas acções de sabotagem, diversionismo a provocação no interior dos países socialistas com o intento de restaurar ali o poder do capital. São exemplos de tais tentativas os casos da Hungria em 1956 e os acontecimentos da Checoslováquia em 1968. Por outro lado, as forças militares americanas estacionadas na Alemanha Ocidental entregam-se com frequência a manebras provocatórias junto das fronteiras dos países socialistas. Tudo isto cria situações de séria tensão e de perigo para a paz na Europa.

Entretanto, nos 25 anos decorridos a situação política e militar na Europa mudou muito de feição. Para fazer frente às intensões do Bloco agressivo da NATO, os Estados Socialistas da Europa, com a

URSS à cabeça, formaram a aliança militar do Tratado de Varsóvia no qual está integrado o Estado Socialista alemão — a República Democrática Alemã. Esta força militar transformou-se num baluarte de defesa da paz e das conquistas socialistas dos povos que a constituem.

Nas novas condições e considerando ser possível um desanuviamento na Europa, os Estados Socialistas membros do Tratado de Varsóvia, propuseram aos restantes Estados europeus a realização duma CONFERÊNCIA PAN EUROPEIA PARA A SEGURANÇA DA EUROPA à qual já deram a sua concordância mais de 20 governos europeus.

Em ligação com esta iniciativa dos países socialistas, está a ser preparada a realização do CONGRESSO DOS POVOS DA EUROPA o qual se espera que tenha uma participação tão larga quanto possível dos sectores e personalidades que estejam pela paz na Europa e designadamente:

- Pelo reconhecimento geral das actuais fronteiras;
- pelo estabelecimento de relações diplomáticas com a R.D. Alemã;
- pela criação dum sistema de segurança colectiva na Europa;
- pela intensificação das relações entre todos os Estados da Europa.

Para que a tragédia de há 25 anos não volte a repetir-se, a opinião pública, as forças democráticas e o povo português em geral, devem apoiar por todas as formas estas iniciativas, exigindo a adesão do governo fascista português à Conferência Pan europeia de Estados e organizando a participação do povo português no Congresso dos Povos da Europa.

## A récita dos finalistas de Medicina UMA VITÓRIA CONTRA A CENSURA

A récita dos finalistas de Medicina de Lisboa, exibida 3 vezes no Monumental com as salas superlotadas, foi mais um êxito da luta estudantil.

O humor esteve presente numa sucessão de cenas de inspiração satírica em que sobressaíam: a denúncia da Pide, a crítica ao oportunismo de alguns «reformistas» muito em voga, à acção médica das Caixas de Previdência e à situação caótica dos hospitais. Ridicularizando as fantochadas das inaugurações oficiais, uma cena representava A. Tomás no acto da inauguração de... uma seringa!...

A tragédia dominou no quadro final, numa cena de liquidação e fusilamento de jovens e populações pacíficas que lutam contra a guerra colonial. O som de rajadas de metralhadoras acompa-

nha o cair de corpos da população enquanto que no écran se reflectem as imagens de Hitler e dos nazis. Um tracejado vermelho de luzes que salta em direcção ao público apaga-se de repente. Então, pisando os mortos, um general é condecorado por A. Tomás. Abraçados, saem os dois de cena. A pouco e pouco, os mortos vão-se erguendo e virados para o público, rompem a gritar: «Queremos paz!», «Queremos paz!».

A peça sofrera muitos cortes, com o que os estudantes não se conformaram, forçando a censura a levantar uma grande parte. Insistindo em representar a cena alusiva à guerra colonial, apesar de proibida, os estudantes de Medicina de Lisboa saíram vitoriosos dum áspero combate contra a censura, contra o fascismo, pela Paz.

# Os comunistas portugueses no centenário do nascimento de Lênine

Uma delegação do Partido Comunista Português, composta pelos camaradas Álvaro Cunhal, Secretário Geral do Partido, Sofia Ferreira, membro do C.C. e Carlos Aboim Inglês, membro suplente do C.C. participou nas comemorações do centenário do nascimento de Lênine na União Soviética.

Na sessão solene realizada no Palácio dos Congressos no Kremlin em Moscovo, o camarada A. Cunhal tomou a palavra em nome da delegação do nosso Partido.

No quadro das comemorações do centenário de Lênine, a delegação do P.C.P. foi recebida pelo Bureau Político e pelo Secretariado do C.C. do PCUS aos quais fez a entrega de ofertas do povo português enviadas clandestinamente de Portugal. Entre outras actividades, a nossa delegação participou numa sessão solene do C.C. do Partido Comunista da Bielorrússia.

No nosso País, apesar das difíceis condições de clandestinidade e da repressão, tiveram lugar reuniões de células do Partido e outras para falar de Lênine, da sua actividade revolucionária, dos seus ensinamentos e

da sua obra, da Revolução de Outubro, da criação do primeiro Estado Socialista do Mundo — a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas — e suas realizações.

A esta actividade ligou-se a confecção de objectos alusivos à data do nascimento de Lênine, destinados ao glorioso PCUS. Dos operários das construções navais da Margem Sul do Tejo e dos corticeiros da Cova da Piedade trabalhos artísticos alusivos às respectivas profissões; dos vidreiros dois objectos artisticamente trabalhados com a effigie de Lênine gravada; um poema dedicado a Lênine escrito em pergaminho por uma jovem da Cova da Piedade; de mulheres do Barreiro, um bordado artístico; dum grupo de trabalhadores duma importante cooperativa da região de Lisboa, um objecto que

não especificamos; um medalhão em gesso com a effigie de Lênine de artistas plásticos de Lisboa; de estudantes do Porto, um baixo relevo em bronze com a effigie de Lênine, etc.

Por outro lado, assinalando o acontecimento histórico do centenário do nascimento de Lênine, milhares de exemplares de documentos vários foram editados e distribuídos pelas organizações do Partido. Inscrições no mesmo sentido foram feitas em vários locais.

O nome de Lênine e a sua obra são de tal grandeza e influência na evolução e transformação do mundo que mesmo alguns jornais burgueses, se bem que quase sempre com algum veneno, não puderam silenciar o centenário do nascimento deste guia genial do proletariado.

Nestes dias, ao falarmos de Lênine, da sua actividade revolucionária e da sua obra gigantesca, nós, comunistas, sentimos a sua presença, bem viva, junto de nós a inspirar-nos para novos combates revolucionários pela democracia, a liberdade, o socialismo, o comunismo.

## Discurso do camarada Álvaro Cunhal NA SESSÃO SOLENE EM MOSCOVO

Queridos camaradas:

O Partido Comunista Português saúda fraternal e calorosamente o P.C.U.S. e por seu intermédio o povo soviético por motivo do centenário do nascimento de Vladimir Ilitch Lênine.

Ao nome de Lênine estão ligadas todas as grandes realizações revolucionárias da nossa época.

O leninismo é uma doutrina de

tumultuoso mar imperialista. As grandes realizações revolucionárias de outros países não retiram, porém, à União Soviética este honroso papel, antes tem aumentado as suas responsabilidades e a sua influência determinante da evolução mundial.

Os acontecimentos persistem em confirmar objectivamente os continuadores directos de Lênine o papel de vanguarda do movimento (em nista e de todas as forças revolucionárias. O imperialismo e a reacção não ignoram essa realidade, por isso conduzem uma frenética campanha antisoviética, uma campanha de incitacção e de diversão ideológicas com o objectivo de enfraquecer a amizade dos

## QUAL O PREÇO DA AJUDA QUE O GOVERNO DE M. CAETANO PROCURA EM ESPANHA?

Com a recente visita do secretário de Estado da Indústria a Espanha e com a anunciada visita oficial de M. Caetano que se lhe seguirá em breve, Portugal bate à porta da Espanha franquista «descobrimo» de repente que no plano económico os dois países têm estado de costas voltadas um para o outro.

Da eventual ligação das duas economias é evidente que Portugal ficará a perder uma vez que a Espanha com problemas em muitos aspectos semelhantes, tem o seu próprio plano desenvolvimento económico ao que procurará subordinar eventuais acordos com Portugal. Já se fala, por exemplo, no urânio português para alimentar centrais nucleares espanholas, assim como do aumento dos investimentos dos capitais espanhóis na economia nacional.

Tal subordinação económica seria o preço porque os fascistas portugueses se dispõem a pagar um maior apoio político de parte da Espanha no plano internacional.

Como é sabido, a Espanha tem-se esquivado nos últimos tempos a apoiar abertamente a política colonialista e as guerras coloniais de Portugal. Tendo-se desfeito quase totalmente da herança colonial, a Espanha segue uma política de amizade e boas relações com os povos árabes e africanos, inimigos declarados do colonialismo português, aos olhos dos quais não se quer comprometer com um apoio aberto a Portugal. Por este facto a tão celebrada amizade das duas ditaduras tem estado sujeita nos últimos tempos a certa erosão. Nas assembleias internacionais os representantes da Espanha evitam qualquer política colonialista portuguesa e o máximo que habitualmente tem concedido é limitar-se a uma benevolente abstenção quando das diversas questões de condenação do colonialismo português votadas nos organismos das Nações Unidas.

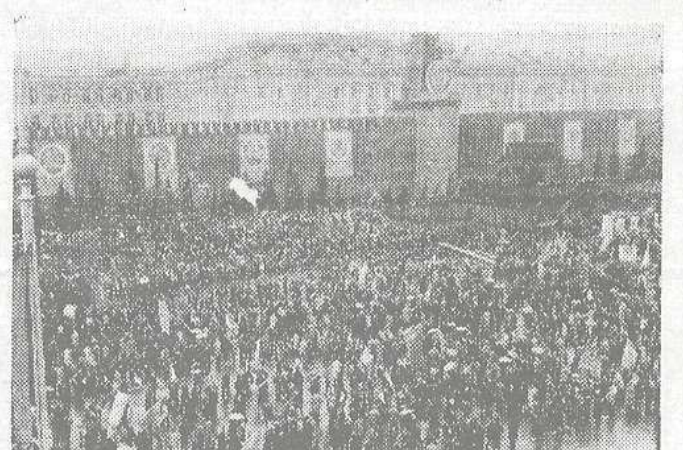
Tudo indica, portanto, que os fascistas portugueses se propõem oferecer grandes vantagens económicas tanto no país como nas colónias em troca dum maior apoio político de Espanha à sua política colonialista e do eventual auxílio de capitais para manter a guerra colonial.

## Rádio Moscovo

em língua portuguesa

Todos os dias das 19,30 às 20 h. e das 20,30 às 21 horas, nas bandas de 16 e 19 metros.

A voz da União Soviética



Mausoléu da Lênine, na Praça Vermelha, em Moscovo

validade universal em constante enriquecimento e cujo carácter científico é comprovado pela prática revolucionária. Por isso em cada país ao comemorarem o centenário de Lênine, os comunistas e os trabalhadores celebram legitimamente os próprios sucessos e vitórias alcançadas sob a bandeira do leninismo. Entretanto, é para a União Soviética que todos os olhares estão voltados, porque se não pode prestar homenagem a Lênine sem prestá-la também aos seus directos e legítimos continuadores. Porque o PCUS e o povo soviético, cumprindo o legado de Lênine, edificaram a sociedade mais progressiva e de conteúdo mais profundamente democrático que a humanidade jamais conheceu, deram uma contribuição decisiva para a aceleração de todo o processo revolucionário e fiéis ao internacionalismo proletário mostraram nas palavras de Lênine, estar prontos a fazer os maiores sacrifícios nacionais no interesse supremo da Revolução Proletária Mundial.

Em Janeiro de 1918, Lênine dizia que os acontecimentos tinham conferido às classes laboriosas e exploradas da Rússia o honroso papel de vanguarda na Revolução Socialista Internacional. É certo que a URSS já não é hoje, como no tempo de Lênine, o oásis do Poder Soviético no

comunista, dos trabalhadores e dos povos para com o grande país dos soviets. É de lamentar que haja pessoas que se intitulam comunistas e entretanto caluniam o Partido de Lênine. O seu esforço será vão. Ninguém conseguirá minar a solidiedade internacional do proletariado para com o povo que deu Lênine ao mundo e para com o Partido que segue o caminho traçado por Lênine.

Em Portugal, nós repelimos a insinuação segundo a qual o Partido Comunista para mostrar a sua independência deveria marcar as suas distâncias em relação ao PCUS e à União Soviética, embarcando assim na nau do antisovietismo. O facto é que o antisovietismo que se manifesta em qualquer sector do movimento operário é marca não de independência, mas do abandono duma política independente de classe. Estamos seguros de que manifestando, não apenas em palavras mas em actos, a nossa inquebrantável amizade para com o PCUS e o povo soviético, educando os nossos militantes e os trabalhadores do nosso país na firme confiança na União Soviética, insistindo em que por ser o alvo principal da estratégia do imperialismo, a União Soviética deve contar com a solidariedade activa e constante dos comunistas, dos trabalhadores, de todos os homens progressistas. Estamos seguros de que assim prosseguimos a política independen-

te do proletariado português, que é a própria razão de ser da existência e da actividade do Partido.

Foi sob a influência da vitória de Outubro e das experiências do Partido Bolchevique, que a classe operária do nosso país criou, em 1921, a sua vanguarda revolucionária — o Partido Comunista Português.

Foi inspirando-se nas ideias e ensinamentos de Lênine que o nosso Partido, numa longa e difícil aprendizagem nas condições de clandestinidade, pôde definir a sua orientação política e a sua tática, ligar-se directamente à classe operária e às massas, encabeçar e dirigir as lutas e adquirir o grau de organização, de unidade e de disciplina que lhe permitiram, não só fazer frente à repressão fascista, como tornar-se a maior força antifascista de Portugal.

Ao comemorarmos o centenário do nascimento de Lênine nós, comunistas portugueses, afirmamos que devemos em larga medida a Lênine a criação, a existência e os êxitos do nosso Partido. Sublinhamos tudo quanto a luta dos trabalhadores portugueses deve às realizações, às vitórias e à solidariedade do PCUS e do povo soviético e à luta e solidariedade dos partidos irmãos e dos trabalhadores de todos os países e estamos certos de que o caminho leninista é o único caminho que pode conduzir à vitória da classe operária no nosso país.

As comemorações do centenário do nascimento de Lênine que se celebram em todo o mundo constituem um amplo trabalho ideológico e educativo, uma batalha política em defesa dos princípios do marxismo-leninismo, do internacionalismo proletário contra os seus inimigos e contra o oportunismo de esquerda e de direita, o revisionismo e o nacionalismo.

Menos de um ano após a realização da Conferência Internacional dos Partidos Comunistas e Operários, estas comemorações serão, sem dúvida, um importante factor para o reforço ideológico e de acção do movimento comunista e de cada um dos seus destacamentos.

A realidade do Mundo de hoje acusa o triunfo do Leninismo. A causa do socialismo, a causa de Lênine é invencível. Não há forças capazes de fazer voltar atrás a história.

Glória a Lênine! Viva o PCUS e o povo soviético, que continuam a sua obra imortal! Viva a luta dos trabalhadores e dos povos sob a bandeira do leninismo! Viva a unidade do movimento comunista na base das ideias do genial teórico e guia da Revolução Socialista Internacional!